

FRAÇOIS SAGAT E O CUIDADO COM O OUTRO**FRAÇOIS SAGAT AND CARE FOR OTHERS**Pedro Anácio Camarano¹

RESUMO: O corpo, em entendimento foucaultiano, não é somente a estrutura material de um organismo vivo, mas também (e sobretudo) um elemento contenedor das práticas de subjetivação, sobre o qual incidem as investidas das relações de saber-poder. Último tomo de uma pesquisa sobre materialidades discursivas não-verbais, este trabalho, subsidiado pela Análise do Discurso de vertente foucaultiana (realizando-se num encaminhamento mais teórico que analítico) investiga a construção de (efeitos de) sentidos enunciados pelo corpo do ator francês François Sagat ao performatizar Saartjes Baartman, a Vênus Negra. Para tanto, toma-se como referencial teórico desdobramentos das teorias de Foucault sobre o funcionamento do discurso. A hipótese é a de que existe, dentre as possibilidades enunciativas, um *lugar de empatia* que não pode ser ignorado quando se pretende questionar os regimes de autorização discursiva. Os resultados indicam que o corpo pode ser lido como materialidade de discursos, inclusive contribuindo com a visibilidade de sujeitos cerceados discursivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso foucaultiana. Corpo. Lugar de empatia. François Sagat. Saartjes Baartman. Vênus Negra.

ABSTRACT: The body, in Foucauldian understanding, is not only the material structure of a living organism, but also (and above all) a container element of subjectivation practices, on which the onslaught of knowledge-power relations focus. The last volume of a research on non-verbal discursive materialities, this work, subsidized by the Discourse Analysis of Foucault's perspective (carrying out in a more theoretical than analytical approach) investigates the construction of (effects of) meanings enunciated by the body of the French actor François Sagat performing Saartjes Baartman, the Black Venus. For this purpose, improvements in Foucault's theories on the functioning of discourse are taken as a theoretical reference. The hypothesis is that there is, among the enunciative possibilities, a place of empathy that cannot be ignored when one intends to question discursive authorization regimes. The results indicate that the body can be read as the materiality of discourses, even contributing to the visibility of subjects who are discursively restricted.

KEYWORDS: Foucauldian Discourse Analysis. Body. Place of empathy. Francois Sagat. Saartjes Baartman. Black Venus.

1 Introdução

Em textos anteriores², analisamos discursivamente imagens do corpo do ator francês François Sagat que, ao ocupar uma determinada posição sujeito, enuncia saberes, resultando numa maior e melhor percepção da complexidade das relações de poder e da heterogeneidade das formas de captura dos dispositivos.

Este texto é o último tomo dessa pesquisa sobre materialidades discursivas imagéticas e evoca a noção de *intericonicidade*, criada por Jean-Jacques Courtine. Para tanto, baseando-nos em procedimentos da Análise do Discurso foucaultiana, tomaremos uma imagem de François Sagat performatizando a Vênus Negra no (efeito de) sentido de um cuidado com o outro.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: magopac@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8446-1108>

² Tomo 1: *François Sagat e o corpo dis(cu)rsivo*. Tomo 2: *François Sagat e o uso subversivo do neoliberalismo*.

A primeira questão a se fazer é: por que escolher o enunciado de um homem branco europeu para discorrer sobre a memória do corpo de uma mulher africana negra? Respondemos: pelo motivo de existir, dentre as possibilidades enunciativas, um *lugar de empatia* que não pode ser ignorado quando se pretende questionar os regimes de autorização discursiva. Contudo, devemos ter o cuidado de não confundir *lugar de empatia* com qualquer tipo de espoliação de protagonismo. O fundamental no uso dessa ferramenta analítica é descrever e analisar como, dentro do funcionamento discursivo, sujeitos pertencentes a grupos sociais privilegiados podem refletir sobre seus favorecimentos e enunciar sobre as condições de sujeitos subalternizados.

Lugar de empatia foi uma expressão cunhada por nós e diz respeito ao sujeito que, reconhecendo sua posição privilegiada, utiliza de seu lugar de fala para enunciar sobre experiências alheias.

O lugar de empatia relaciona-se a dar voz a sujeitos de vozes silenciadas e/ou desatendidas, tentando diminuir as estruturas de dominação de discursos. Portanto, o lugar de empatia remete, simultaneamente, a um duplo movimento: fazer um trabalho em si mesmo, reconhecendo-se como sujeito de privilégio e, ao mesmo tempo, fazer um trabalho com o outro, buscando entender lugares sociais ocupados por determinados sujeitos cerceados discursivamente (CAMARANO, 2022, p.386).

Em aprofundamento a este entendimento, explicamos que o *lugar de empatia* refere-se ao ato de o sujeito reconhecer a existência de uma diferença, sem se projetar no lugar do social do outro³, mas reconhecendo as especificidades estabelecidas a partir de diferentes processos de subjetivação, o que resulta em outras percepções, entendimentos e sensações perante aos acontecimentos discursivos. Assim, o sujeito que enuncia ocupando um lugar de empatia sempre materializa uma coadjuvação enunciativa, colaborando com aqueles situados em lugares sociais silenciadores ou cujos enunciados não são ouvidos.

Outra informação sobre o *lugar de empatia* é que não corresponde a compreender e reproduzir emoções alheias (sentir o que o outro sente), ele efetiva-se a partir de uma memória discursiva, capaz de fazer com que a manifestação discursiva seja atravessada por formações discursivas de outros sujeitos.

Os discursos exprimem memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar equivalência. Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos (FERNANDES e SÁ, 2021, p.62).

O *lugar de empatia* é atravessado por memórias discursivas, refletindo no sentido do que é enunciado. Dito de outra forma, tudo o que já foi dito sobre o assunto, em outros momentos, tem efeito sobre o significado do que está sendo enunciado, tanto por parte do sujeito enunciativo, quando por parte de seus interlocutores. Neste sentido, desenhos, fotografias,

³ O sujeito discursivo “deve ser considerado como um ser social, apreendido em um espaço coletivo” (FERNANDES e SÁ, 2021, p.33). Logo, o *lugar de empatia* não diz respeito a se colocar no lugar do outro, pois não há como transpor-se para o corpo de um sujeito discursivo de outra esfera socioideológica, incorporando seus sentimentos, suas vivências e seus desejos. Os sujeitos passam por processos de subjetivação específicos e intransmissíveis.

esculturas e pinturas podem constituir, para além de arte, lugares de memória⁴ por meio dos quais visualizamos o corpo marcado pela história.

2 Um olhar para a metodologia

A Análise do Discurso (AD) é uma metodologia que visa dar instrumentalidade à compreensão de como objetos simbólicos produzem sentidos. Michel Foucault, embora desde 1961⁵ trabalhasse com esse desígnio, só em 1973, quando esteve no Brasil para proferir conferências na PUC-RJ⁶, manifestou explicitamente a utilização do procedimento em suas investigações. Nesta ocasião, ao falar de suas pesquisas, o filósofo enuncia a existência de três eixos: 1) Eixo Histórico - “Em primeiro lugar, uma pesquisa propriamente histórica” (FOUCAULT, 2002, p.7-8); 2) Eixo Discursivo - “um eixo metodológico, que poderíamos chamar de análise dos discursos” (FOUCAULT, 2002, p.7-8); 3) Eixo Subjetivacional - “Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito” (FOUCAULT, 2002, p. 10).

Vê-se que, impreterivelmente, a AD de vertente foucaultiana trabalha com três elementos: a história, o discurso e o sujeito. Isso corresponde, nas palavras de Gregolin (2016), a um pensamento crítico que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade.

Podemos, então, compreendê-lo em termos de uma *arqueogenealogia*, sendo o primeiro momento aquele em que, procura estabelecer a constituição dos saberes em articulação com as práticas sociais, busca responder à questão: *como os saberes aparecem e se transformam?* A genealogia complementa o exercício arqueológico, sendo então um momento em que Foucault busca *o porquê* dos saberes, entendendo-os como elementos de um dispositivo cuja natureza é estratégica (GREGOLIN, 2016, p.118).

O pensamento crítico desenvolvido por Foucault problematiza como a subjetividade é desenvolvida em relação às verdades de determinados momentos históricos. Assim, o método arqueogenealógico, ou a AD em perspectiva foucaultiana, busca inquirir a constituição das verdades, dando visibilidade as suas condições de produção e questionando seus objetivos.

O filósofo Gilles Deleuze, contemporâneo de Foucault, ministrou em 1985 um curso intitulado *Michel Foucault: as formações históricas* no qual abordou a questão do método foucaultiano de realizar pesquisas históricas. Na aula do dia 29 de outubro, há uma indicação direta: é necessário compor um *corpus* de pesquisa, já que, embora não escondidos, os enunciados “não são imediatamente legíveis” (DELEUZE, 2017, p. 9). E como compor esse *corpus*, podemos nos perguntar? Deleuze (2017) responde na mesma aula: para se formar um *corpus*, devemos partir de um arquivo (coleção audiovisual de uma época), identificando singularidades, isto é, “as fontes de poder e de resistência” (DELEUZE, 2017, p. 22). Logo, percebemos que o discurso não é apenas a manifestação do pensamento por meio de símbolos, “mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p.10).

⁴ Baseando-se no pensamento de Pierre Nora, Bonácio e Navarro (2008, p. 63) explicam o que vem a ser os lugares de memória: “são (re)construções históricas baseadas em documentos, fragmentos, imagens, discursos, enfim, lugares onde possamos encontrar a memória de um momento histórico”.

⁵ Ano de publicação de *A história da loucura na Idade Clássica*.

⁶ Essas conferências foram transcritas e transformadas no livro *A verdade e as formas jurídicas*.

Já que “não se pode descrever exhaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época” (FOUCAULT, 2008, p.148), devemos selecionar um conjunto de enunciados efetivamente produzido e, descrevendo-o, tentar estabelecer como ele se conecta em relação ao saber. A arqueogenealogia é, portanto, fazer “uma história das condições históricas de possibilidade do saber” (VEIGA-NETO e NOGUERA, 2010, p.76).

E o que seria esse saber? Veiga-Neto e Nogueira (2010) dizem que, em perspectiva foucaultiana, o saber seria o discurso. Contudo, é importante salientar que os discursos não podem ser confundidos como os conhecimentos científicos, embora colabore para que eles apareçam. Os conhecimentos das diversas instâncias sociais, das instituições religiosas, das práticas comerciais, dos textos literários, das decisões políticas, dos costumes, tudo isso forma um saber.

Seguindo entendimento do curso de Deleuze (2017, p.12), podemos entender que o saber e a formação histórica dizem respeito à mesma coisa: à “combinação do enunciável e do visível”. Portanto, saber, discurso, formação histórica são noções distintas para nos levar a compreender que as diferentes épocas não veem a mesma coisa, nem dizem a mesma coisa.

A título de exemplificação, observemos as imagens abaixo:

Figura 1 – Foto de Saartjie Baartman



Fonte: Plataforma *Hadithi Africa*⁷.

Figura 2 – François Sagat



Fonte: Instagram de François Sagat⁸.

Nádega protuberante já foi considerada coisa feia e doentia. É o caso da percepção sobre a sujeita Saartjie Baartman: a mais famosa mulher negra exibida em feiras europeias de “fenômenos bizarros humanos”, na Europa do século XIX.

A figura 1 é uma possível foto de Baartman, disponibilizada pela plataforma educativa *Hadithi Africa*, que promove heranças da cultura africana. Um olhar sobre a imagem, por mais ligeiro que seja, logo fixa-se nas nádegas de Saartjie. De acordo com as teorias evolucionistas da época, essa corpulência “estaria condicionada ao seu alto grau de desejo sexual” (BRAGA, 2020, p. 41-42). Talvez por esse atributo Saartjie Bartmann ficou conhecida como Vênus de Negra, pois, como é sabido, Vênus é uma deusa feminina na mitologia romana, altamente relacionada ao erotismo.

Podemos dizer que esta foi uma condição de possibilidade para que a bunda se transformasse em símbolo libidinoso, visto que os acontecimentos murmuram sensações em

⁷ Disponível em: < <https://hadithi.africa/the-saartjie-baartman-story/>>. Acesso: 06 out. 2021.

⁸ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/Cn-MALrLurJ/>>. Acesso: 06 out. 2021.

nós, um murmúrio que constitui a nervura das possibilidades de sentidos. Pelos arquivos vemos um ciciar, haja vista a existência de uma série de esculturas, fotografias, pinturas, etc., pelas quais é possível, de alguma forma, lembrar da Vênus Negra. Nesse sentido, emerge a imagem de François Sagat, postada em sua rede social *Instagram*, em 29 de janeiro de 2023, divulgando a sua participação no *Circus Erotica*, um espetáculo que cria contos de fadas eróticos, misturando circo, burlesco, dança e *strip-tease*. A representação de Sagat pode evocar, num efeito de memória, a fotografia de Saartjie Bartmann, pois, para além da pose e dimensão das nádegas, o contexto da difusão da fotografia remete à história de Baartman, quem vivenciou a exibição do corpo como objeto monetizável, mas numa outra condição de possibilidade, já que em seu cenário a bunda grande era associada a algo anormal e doentio.

Existem muitos detalhes sobre a vida de Saartjie que ainda são incógnitas, uma delas diz respeito a sua ida para a Europa em 1810. Supostamente, ela não se considerava vítima de coação e recebia pagamento pelas exibições.

Nessas ocasiões, em uma jaula, Saartjie aparecia presa a uma corrente (nua, porém com a vagina coberta) e caminhava de quatro, de maneira a ressaltar o seu traseiro e sublinhar a natureza ‘animalesca’ que, naqueles tempos, costuma-se atribuir à sensualidade. A presença da jaula ratificava seu caráter supostamente perigoso, selvagem e incivilizado, diretamente relacionado, à época, à crença de uma sexualidade ameaçadora, já que incontável (BRAGA, 2020, p. 40).

Portanto, Saartjie teria viajado para Paris, na condição de empresariamento⁹, exibindo-se como uma espécie de mulher-primata. Segundo Parkinson (2016), ela chegou a ser uma celebridade, que tomava coquetéis no Café de Paris e ia às festas da alta sociedade. Contudo, em 1814, ela teria sido vendida a um adestrador francês que “passou a exibi-la em prostíbulos e espetáculos de saltimbancos, ao lado de animais” (BRAGA, 2020, p. 45).

Sujeitos de seus tempos, enunciando por meio do corpo discursos diferentes. Para um, bunda grande significava anomalia, motivo de demérito; para o outro, representa virtude, causa para vangloriar-se. Contudo, um cuidado se faz necessário:

Essa forma de fazer história possuiu outro modo de analisar, que não se restringe apenas ao critério cronológico, e isso se deve ao fato de a temporalidade não ser única para todos os homens, o que nos leva a pensar na heterogeneidade de tempo num mesmo momento histórico (NAVARRO, 2008, p.60).

Por exemplo, no mesmo século XXI, no qual a Sagat é ovacionada por um *derrière* avantajado, há vários sujeitos recebendo achincalhamento pelo mesmo motivo. É o caso da modelo Vanessa Ataídes que diz sofrer “xingamentos por causa do bumbum”¹⁰ e do modelo Fábio Alves que diz “sofrer preconceito”¹¹.

⁹ Conforme Parkinson (2016), Saartjie foi levada para a Europa sob promessas falsas de um médico britânico. Apesar de ser analfabeta, ela supostamente teria assinado um contrato aceitando aparecer em espetáculos.

¹⁰ Disponível em: < <https://www.oliberal.com/cultura/modelo-diz-receber-xingamentos-por-causa-de-bumbum-ostentacao-centauro-balao-e-balde-de-oleo-1.380092>>. Acesso: 26 mar. 2023.

¹¹ Disponível em: < <https://acapa.disponivel.com/muso-do-bumbum-de-115-cm-diz-sofrer-preconceito-dizem-que-sou-gay/>>. Acesso: 26 mar. 2023.

Figura 3 – Foto de Vanessa Ataídes

Fonte: Web jornal *O liberal*¹²

Figura 4 – Foto de Fábio Alves

Fonte: Site jornal *Observatório G*¹³

Estamos mostrando que Deleuze (2017) pode nos ajudar a compreender melhor o aqui estamos chamando de método, mas que Foucault (2008, p.13) denomina de “mutação epistemológica” inacabada¹⁴. Deleuze (2017) deixa bem explícito que esse trabalho de Foucault diz respeito a estudos de história, mas não é um trabalho de historiador. Nesse mesmo sentido, na introdução da *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) diz que o trabalho do historiador baseia-se numa rede de causalidade, e o estudo de história que ele fez procurava descrever os afastamentos e as dispersões,

daí a necessidade de distinguir não mais apenas acontecimentos importantes (com uma longa cadeia de consequências) [...], mas sim tipos de acontecimentos de nível inteiramente diferente [...]; daí a possibilidade de fazer com que apareçam séries com limites amplos, constituídas de acontecimentos raros ou de acontecimentos repetitivos (FOUCAULT, 2008, p. 8-10).

Se numa pesquisa histórica tradicional, procura-se definir relações entre fatos ou acontecimentos indicadores de sucessões lineares, na arqueogenealogia foucaultiana, investiga-se acontecimentos díspares cronologicamente, mas que guardem algum traço de relação, um trabalho que leva em conta as discontinuidades dos discursos, com suas recorrências e dispersões. Ou, como o próprio Foucault disse sobre a forma de ele conceber a análise de discursos: “trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos” (FOUCAULT, 2003, p. 255).

¹² Disponível em: < <https://www.oliberal.com/cultura/modelo-diz-receber-xingamentos-por-cao-de-bumbum-ostentacao-centauro-balao-e-balde-de-oleo-1.380092>>. Acesso: 26 mar. 2023.

¹³ Disponível em: < <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/bunda-masculina-mais-bonita-do-brasil-eleita-pelo-observatorio-g-fabio-alves-posa-so-de-jock-e-fio-dental-na-floresta-para-a-marca-sevenmen>>. Acesso: 26 mar. 2023.

¹⁴ Gregolin (2008 p. 204) reforça a importância de continuarmos arquitetando a epistemologia com Foucault: temos que “deslocar o que ele falou para pensar a colonialidade”. Assim, para além das incorporações teóricas-metodológicas (formação discursiva, memória discursiva, intericonicidade) propostas por Courtine, há uma gama de outras ferramentas de inspiração foucaultiana cunhadas por analistas do discurso brasileiros movimento a epistemológica inacabada, tais como *intersonoridade* (trabalhada por Nilton Milanez), *dispositivo colonial* (trabalhado por Ivânia Neves) e *dispositivo heterocisnormativo* (trabalhado por Pedro Camarano).

3 A noção de *intericonicidade*

Consoante Gregolin (2011), Braga (2014), Milanez (2015) e Fernandes e Sá (2021), a AD (que, desde sua gestão em 1960, na França, passou por deslocamentos e revisões), a partir de 1980 sofre um alinhamento para ajustar-se teoricamente, passando a estender-se à análise de imagens e, posteriormente, de audiovisualidades, como um todo. Isto é, mudanças nas formas de produção e circulação dos discursos “levaram os pesquisadores franceses a observarem outras materialidades, que passaram a ser problematizadas e incorporadas tanto no dispositivo teórico quanto nas análises” (GREGOLIN, 2011, p. 84).

As transformações estabelecidas no campo da Análise do Discurso são efeitos de mudanças profundas na própria sociedade, marcadas pela emergência das chamadas novas tecnologias (...). O campo teórico então tende a modificações conforme o aprimoramento e as modificações nas materialidades e, conseqüentemente, nos meios em que os discursos são veiculados e postos em circulação. O projeto de análise é, portanto, repensado constantemente conforme as dificuldades e necessidades impostas pelo próprio objeto discursivo, que jamais é constante devido ao seu aspecto histórico-social. Vê-se aí mais um elemento crucial desse desenvolvimento. Referimo-nos à constituição (a rede de memória própria de uma dada formação discursiva) e à formulação (aquilo que é dito, que é dado a ver) (FERNANDES e SÁ, 2021, p.123).

Contudo, Gregolin (2011) faz uma observação importante sobre as materialidades discursivas: no ano em que Pêcheux publicou *Análise Automática do Discurso*, 1969, Foucault publicou *A arqueologia do saber*. As duas obras tratam do discurso, mas a primeira pensa com Saussure o enunciado como a materialidade escrita; a segunda toma o enunciado como algo de natureza não estritamente linguística, o que inclui a dimensão semiológica. Logo, todas os deslocamentos no dispositivo teórico-metodológico, no que tange a esse aspecto, tomam o arcabouço foucaultiano como orientação, sobretudo, no que se refere à relação das imagens com as memórias, em razão de Foucault (2008) ter entendido que um enunciado tem sempre um domínio associado, isto é, sempre se liga a outros, por meio de memórias que retornam e se atualizam. Sobre isso Gregolin (2011, p. 91) acrescenta que tanto “há uma memória para o passado como há uma memória para o futuro, pois um acontecimento discursivo abre sempre a possibilidade do seu retorno”.

Intericonicidade é uma noção criada por Jean-Jacques Courtine. Este aparato advém do conceito de memória discursiva¹⁵, trabalhado por este linguista francês em sua tese, *Análise do Discurso Político*, publicada na França em 1981, que trazia mais reflexões para se “compreender a memória do discurso” (MILANEZ, 2015, p. 200).

Cabe lembrar que um trabalho relacionando à memória já havia sido desenvolvida tanto por Foucault (2008) quanto por Pêcheux (2009). O primeiro, ao tratar do enunciado como função de existência, inclui o elemento campo associado ou **domínio de memória**, isto é, outros enunciados com os quais se estabelecem laços de “transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (FOUCAULT, 2008, p. 64). O segundo também explicita um

¹⁵ A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas. Ou, nas palavras de Paveau (2015, p. 226), um “conjunto de enunciados sabidos e não sabidos que circulam e continuam circulando num ambiente e no meio dos quais novos se inserem”.

trabalho com a memória quando propõe o **interdiscurso**: aquilo que fala antes, em outro lugar, que retorna em forma de pré construído, o já-dito.

Pêcheux foi o expoente maior do círculo de intelectuais que, na França, fundou a linha da linguística chamada Análise do Discurso na década de 1960¹⁶. Foucault não fez parte deste grupo, mas foi interlocutor de Pêcheux. Segundo Gregolin (2006), eles não foram adversários no que diz respeito a uma teoria do discurso. A diferença aparece, principalmente, na maneira de se situarem frente às propostas de Althusser, de quem os dois foram alunos – Pêcheux pensará o discurso dentro de interpelações ideológicas e Foucault o pensará a partir de relações de saber-poder.

Em outro livro¹⁷, Courtine atento às proposições sobre a memória, aprofundando as reflexões entre discurso e imagem, chega à noção de *intericonicidade*. Para esse autor, a memória discursiva pode apresentar-se tanto no interior de práticas verbais, quanto no interior de práticas não verbais. Confessando tê-lo escrito pensando *com* Foucault, Courtine (2020, p. 43) fala abertamente sobre essa noção:

A ideia de memória discursiva implica que não existem discursos que não sejam interpretáveis sem referência a uma tal memória, que existe um “sempre já” do discurso, segundo a fórmula que nós empregamos para designar o interdiscurso. Eu diria a mesma coisa da imagem: toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem ecoa um eco.

Courtine (2020) denominará esse trabalho com a imagem não como uma análise do discurso, mas como uma semiologia histórica. Contudo, toma a imagem como o enunciado é entendido por Foucault (2008). Ou seja, tanto o enunciado verbal, como o não-verbal constituem-se dentro de um campo associado: “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não “reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 111), seja para repeti-los, seja para modificá-los ou adaptá-los, seja para se opor a eles, seja para falar de cada um deles.

A *intericonicidade*, assim, se alça como uma ferramenta para pensar a circulação e a propagação dos discursos, por meio de um tipo específico de materialização do enunciado: as imagens.

Interessa-nos destacar que, conforme Courtine e Haroche (1988, p.15), por meio do trabalho com essa noção, é possível depreender, “para além dos traços imóveis, o movimento de uma subjetividade”. Isso significa que, enquanto sujeitos de uma cultura visual, somos constantemente atravessados por discursos imagéticos, operadores da forma como significamos os corpos e de como ocorre a valoração social dos sujeitos. É no corpo que os saberes e os poderes mostram, de forma mais visível, as investidas de condução das condutas. É nele, igualmente, onde lemos com mais nitidez as práticas de resistência.

4 Fraçois Sagat e o cuidado com o outro

O ator pornográfico francês Fraçois Sagat, conhecido por servir de modelo para a produção de *pin-up* da cultura gay contemporânea, fez irromper um acontecimento discursivo em 19 de março de 2020, quando em seu *blog* postou a seguinte imagem-enunciado:

¹⁶ Jean-Jacques Courtine fez parte deste grupo.

¹⁷ *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*, no qual conta a história do corpo desde a Idade Clássica à contemporânea.

Figura 5 – Vênus Negra por François Sagat

Fonte: Blog do François Sagat¹⁸.

De acordo com Castro (2009, p. 24), “Foucault se serve do conceito de *acontecimento* para caracterizar a modalidade de análise histórica da arqueologia”. Nas palavras de Revel (2005, p. 13), essa análise busca “reconstruir atrás do *fato* toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas”.

Gregolin (2011, p. 91) diz que o acontecimento, em perspectiva da AD, torna-se um documento histórico e um monumento de recordação. Eles se materializam em palavras e/ou imagens e podem retornar em aparecimentos futuros, pois um acontecimento discursivo abre sempre a possibilidade do seu retorno.

A imagem mostra o corpo de *monsieur* Sagat dentro de um expositor de museu. Dois aspectos ganham dizibilidade pela visibilidade da imagem: 1) o corpo do homem está nu, dando deflexionamento à retaguarda; 2) há borboletas pretas enormes ocupando o mesmo espaço que o corpo do homem. Com efeito, esse corpo não é, obviamente, a estrutura física de um organismo vivo. Constitui-se, primordialmente, como “uma matéria significativa (re)produtora de sentidos, fabricado histórica e discursivamente, podendo ser apreendido e analisado como irrupção de um acontecimento” (WITZEL e VENTURINI, 2020, p. 68).

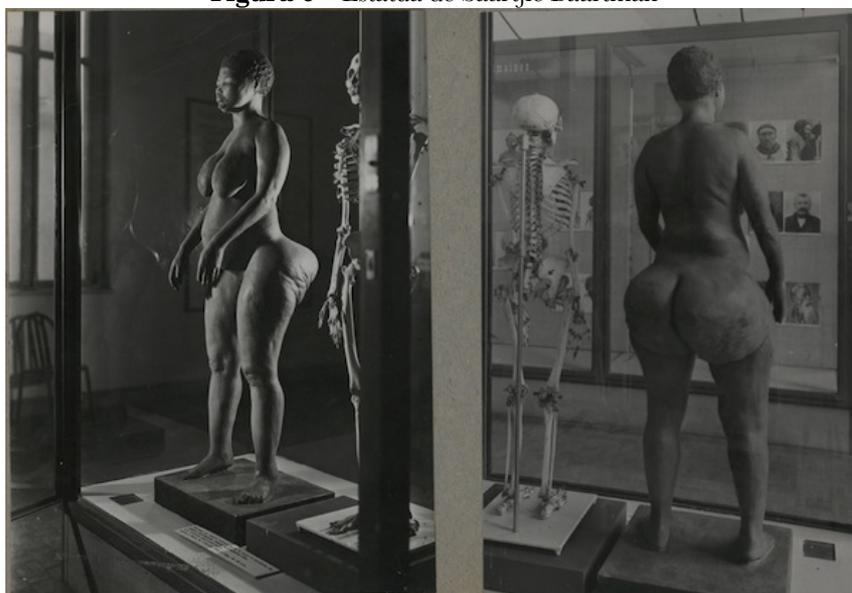
¹⁸ Disponível em: < <http://francoissagat.com/files/2020/03/FLAT-1-copie-scaled.jpg>>. Acesso: 06 out. 2021.

Podemos nos perguntar: o que há de sentido nesta imagem, tornando-a um acontecimento discursivo? Que relação discursiva esta imagem estabelece com outras imagens? Como a análise histórica pode nos ajudar a compreender este objeto simbólico?

Foucault (2008, p. 31) é quem diz: “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Entretanto, o filósofo vai além, indicando que os acontecimentos pertencem a diferentes tramas e, ainda assim, estão envolvidos em redes de memória por ele ocasionados, sujeitos à reativação, à repetição e à transformação.

Se considerarmos a premissa discursiva de que as formulações já feitas, esquecidas ou não, determinam o que dizemos e a forma como compreendemos, vemos na imagem uma rememoração da Vênus Negra. A investigação histórica nos indica esse efeito de sentido:

Figura 6 – Estátua de Saartjie Baartman



Fonte: Blog do Leonardo Sakamoto¹⁹.

No livro *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*, Courtine (2020) mostra como o teatro dos monstros ajudou a constituir uma formação histórica: durante a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, popularizou-se na Europa a exibição de humanos com algum tipo de anomalia física. Uma mescla de exposição e teatralização em feiras, o teatro dos monstros estava relacionado à diversão popular e submetia os corpos dos “anormais” a olhares curiosos.

Para além de pessoas com raridades físicas, também eram expostos atrás das grades ou em recintos delimitados sujeitos não europeus, especialmente negros africanos, o que proporcionou condição de possibilidade de uma extravagante interseção de entretenimento com fins lucrativos e produção de saberes.

Sobre essa questão, Braga (2020) escreve que, paralelamente à condução de negros para a Europa, trazidos para diversão dos europeus, era crescente o desenvolvimento do conhecimento científico pautado nas diferenças raciais e sexuais. Segunda a pesquisadora, africanos e outros povos vítimas da dominação colonial, foram

¹⁹ Disponível em: < <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/04/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/> >. Acesso: 06 out. 2021.

observados e estudados como elementos capazes de confirmar teorias médicas eugenistas, que versavam acerca da superioridade da raça branca. Dentre os grupos de raça inferior, a mulher, em particular, figurava como ainda mais inferior, uma vez que era limitada sua capacidade racional em detrimento do seu instinto (BRAGA, 2020, p. 41-42).

De acordo com informações de Ribeiro (2015), Saartjie Baartman morreu em 1815 e seu esqueleto e uma reconstrução de seu corpo ficaram à exposição do público no Museu do Homem, na França, até 1975, como mostra a figura 6. Apenas em 2002, por reivindicação de Nelson Mandela “seus órgãos, bem como uma caixa com sua ossada, foram devolvidos à África do Sul” (BRAGA, 2020, p. 49).

A imagem nos diz e nos faz ver: a mulher africana continuou tendo seu corpo escrutinado, mesmo depois de morta. Ao sair da jaula, passou para uma vitrine e seu sentido ali esteve associado à subjugação e à utilização de teorias científicas para a perpetuação de hierarquias, segregação e exclusão dos povos negros. Entretanto, mudanças de sentidos são possíveis. Uma transmutação discursiva leva-nos a perceber que a bunda pode ser símbolo de poder, como mostra a imagem 5: a exibição das nádegas como recurso empreendedor, uma ostentação da bunda grande como *marketing*, como constituinte de um sujeito (não mais monstruoso, mas sim) com beleza extraordinária.

François Sagat exhibe a bunda para fins de publicidade de si. Porém, além de utilizar as mídias sociais como vitrine, Sagat inverte totalmente a lógica do discurso científico racista, agora quem está exposto ao escrutínio é o homem branco europeu.

Apesar de entre as histórias de Saartjie e de Sagat ser perceptível uma mutação nas condições de possibilidade de vender-se como objeto de curiosidade alheia, é possível identificar um eco entre as imagens: as duas apresentam um sujeito dentro de uma vitrine, em que o principal foco de atenção é o *derrière* exuberante e, conseqüentemente, a possibilidade de análise de sua anatomia.

Contudo, no expositor do corpo de Sagat, há o acréscimo de um elemento simbólico: borboletas pretas. Relacionando o domínio de memória da presente pesquisa à simbologia, essas borboletas podem significar outros sujeitos cujos corpos foram expostos ao esquadrinhamento. Como a borboleta na cultura Ocidental é símbolo de transformação, os insetos, nesse contexto em seu estágio imago, parecem nos dizer que é possível ocorrer uma metamorfose no discurso sobre o que é considerado anormal.

Nessa mesma percepção, levando em consideração que a construção de efeitos de sentido é possível a partir de um regime de memória e de sua atualidade, outra simbologia para a borboleta ali é beleza. O sujeito discursivo da/na imagem parece informar que houve uma transformação na forma de ver uma bunda grande e falar sobre ela, não mais a discursivizando como traço fenótipo especificamente de sujeitos negros, também fazendo vê-la como uma característica anatômica valorizada na sociedade contemporânea. É neste sentido que o corpo de François Sagat põe a nu os regimes de dominação sobre os corpos das mulheres negras.

5 Fecharão

Ao longo do texto foi possível detectar que a noção de normalidade se atrela às relações de saber-poder e é passível de resignificação a partir de lutas discursivas. Se, por um lado, Saartjes Baartman foi enunciada como ser anormal (feio, patológico) quando comparada ao sujeito europeu, por outro, a *intericonicidade* é capaz de mostrar que existem discursos em oposição.

Por meio do método de análise foucaultiano, tateado por Deleuze num curso de 1985, analisamos um *corpus*, composto por imagens, dentre as quais a imagem do sujeito François Sagat dentro de uma vitrine ecoa a escultura da Vênus Negra, exposta em um museu francês. Ao observar a gravura, ouvimos o murmúrio, fruto de uma memória discursiva, por meio do qual uma reminiscência encaminhou-nos diretamente à exposição do corpo de Saartjes Baartman. Nesse processo, percebemos que as diferentes épocas não veem nem dizem a mesma coisa. Por outro lado, a teoria nos diz que, num mesmo momento histórico, sujeitos podem compreender as verdades de formas diferentes, de onde advém a necessidade de, ao aplicar a arqueogenealogia, levar em consideração as descontinuidades discursivas.

François Sagat, ocupando uma posição sujeito de empatia, enuncia no sentido de que mulheres negras não são defeituosas, e que a bunda grande não é nem anormalidade, nem feiura, nem patologia.

Por fim, cabe destacar que é a teoria discursiva que nos autoriza a conceber esse efeito de sentido, uma vez que a AD não procura um sentido verdadeiro no texto; ao contrário, trabalha com gestos de compreensão: “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2020, p. 24). Ou, como explica didaticamente Gregolin (2021), na AD o discurso é um efeito de sentido entre sujeitos: os discursos são materializados pela linguagem e seus sentidos são produzidos e interpretados por sujeitos que são históricos-sociais. Nessa lógica, compreendemos o sentido como produzidos a partir do lugar ocupado pelos sujeitos, podendo modalizar-se tanto na perspectiva de quem o materializou, quanto na de quem o “lê”.

Referências

- BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2020.
- CAMARANO, Pedro Anácio. *François Sagat e o corpo dis(cu)rsivo*. In: MOURA, Iago [et al.]. **Cutucando o cu do cânone: insubmissões teóricas e desobediências epistêmicas**. Salvador: Devires, 2022. p.165-179.
- CAMARANO, Pedro Anácio. *François Sagat e o uso subversivo do neoliberalismo*. In: LIMA, Humberto Soares da Silva. BONFIM, Wanderson Queiroz. **Estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade**. Maranhão: Diálogos, 2022. p. 377-395.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus ternas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- COURTINE, Jean-Jacques. HAROCHE, Claudine. **História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (de século XVI ao início do século XIX)**. Lisboa: Teorema, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. SÁ, Israel. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Paulo: Pontes, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

- FOUCAULT, Michel. *Diálogo sobre o poder*. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Estratégias, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2003. (Coleção Ditos e Escritos IV).
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 145-152.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas*. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 83-105.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Bate-papo com a profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin**. Porto Alegre: Canal do *YouTube* “Gepead – Discurso”, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o-qEZRgGDww&t=1050s>>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Identidade: objeto ainda não identificado? Vitória da Conquista: Estudos da Língua(gem)**, 2008. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1058/906>>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade*. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. São Paulo: Pontes, 2016. p.117- 144.
- MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens**. Maringá: *Acta Scientiarum*, 2015. p. 197-206.
- NAVARRO, Pedro. *Discurso, História e Memória*. In: Ismara Tasso. (Org.). **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória**. São Carlos: Claraluz, 2008, p.59-74.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2020.
- PARKINSON, Justin. **Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo**. São Paulo: BBC Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e Moral: uma ética das virtudes discursivas**. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. **O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata**. Uol. Coluna do Leonardo Sakamoto, 2015. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/04/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- VEIGA-NETO, Alfredo. NOGUERA, Carlos Ernesto. *Conhecimento e saber: apontamentos para os estudos de currículo*. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão (et al.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 67-87.
- WITZEL, Denise Gabriel. VENTURINI, Maria Cleci. *As heterotopias e o corpo utópico de Inês de Castro: deslizamentos do real para a ficção*. In: BRAGA, Joaquim. FERNANDES, Rafael. TASSO, Ismara. **Michel Foucault e os discursos do corpo**. Campinas: Pontes, 2020.

Recebido em: 03/06/23

Aceito em: 30/08/23